

# humanitas

Vol. XLI-XLII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XLI-XLII



COIMBRA

MCMLXXXIX-MCMXC

Sylvie DESWARTE, *Il 'Perfetto Cortegiano' D. Miguel da Silva*. Roma, Bulzoni Editore, 1989, 275 pp. + 37 gravuras.

D. Miguel da Silva (c. 1480-1556), o «escrivão da puridade» e bispo de Viseu, que fugiu de Portugal em fins de Julho de 1540, quando foi informado da sua prisão iminente por ordem do rei D. João III, é uma figura importante da cultura portuguesa que não tinha recebido até agora a honra dum ensaio monográfico de bom nível.

Estudante das universidades de Lisboa, Paris e Siena, foi posteriormente embaixador do rei D. Manuel I junto da Santa Sé e viveu em Itália, principalmente em Roma, de 1515-1525. Mais tarde, depois de ter escapado à justiça do rei D. João III, que pretendia condená-lo por traição, acusando-o de ser melhor servidor dos interesses do Papa que da realeza nacional, acabou a sua vida em Itália, onde passou de 1540 até à data da sua morte, em 1556. O rei, enfurecido, perseguiu-o de todas as maneiras ao seu alcance, confiscou-lhe os bens e privou-o da nacionalidade portuguesa.

Mas em 2 de Dezembro de 1542, D. Miguel da Silva ganhava sobre o monarca uma vitória compensadora, ao ser nomeado cardeal pelo papa Paulo III, o seu amigo cardeal Alessandro Farnese. Assim, um alto posto eclesiástico que D. João III nunca aceitaria fosse atribuído a um português, sem prévia autorização sua, e que, provavelmente, estimava ser reservado a um membro da família real, era conferido a um súbdito de Sua Alteza, dele merecedor por qualidades de inteligência e cultura.

Não terão sido apenas os seus méritos intelectuais a obter-lhe esta honra, para a qual contaram decerto os serviços prestados anteriormente, que a Autora recorda. Mas há que aceitar que D. Miguel da Silva estava muito acima da média dos eclesiásticos portugueses do seu tempo, sobretudo dos pertencentes à família real, embora estes não fossem avessos à cultura. É que, além dos seus dotes de perfeito cortesão, D. Miguel da Silva foi um humanista ao nível dos melhores, na própria pátria do Humanismo Renascentista.

A existência em Itália, deste português, é estudada com minúcia e precisão, só possíveis a quem, como Sylvie Deswarte, conhece a vida cultural e artística italianas do século XVI, com a ciência de um especialista desta época. Assim, desfilam no seu livro grandes personalidades relacionadas com D. Miguel da Silva, nomeadamente, Benedetto Accolti, Antonio Agustín, Girolamo Capodiferro, Baldassare Castiglione (que lhe dedicou o *Libro del Cortegiano*, em 1528), Angelo Colocci (o do *Cancioneiro* galaico-português), Gian Matteo Giberti, Paolo Giovio, D. Diego Hurtado de Mendoza, Blosio Palladio, Aulo Giano Parrasio, Giovanni Rucelai, Giovanni Salviati, Lattanzio e Claudio Tolomei, Janus Vitalis; os papas Clemente VII

e Paulo III; e os portugueses João Rodrigues de Sá de Meneses, Jerónimo Osório, Diogo Pires e André de Resende:

Neste livro tão completo e tão bem feito, uma questão que me parece continuar em aberto é a do teólogo medieval Gastão de Foix e da sua obra perdida, *De Deo et Animorum Immortalitate et Praemiis et Poena*, para a qual há apenas o testemunho de Diogo Pires.

Quanto ao Fontelo, a quinta e palácio episcopal que D. Miguel fez construir em Viseu, há uma descrição melhor que a do P. Baltasar Teles (citado na nota 243), com a vantagem de ser de um contemporâneo de D. Miguel da Silva. É o poema *Fontellum* de António de Cabedo que faleceu em 1555, quando D. Miguel ainda era vivo. Este poema latino foi traduzido e estudado numa dissertação de mestrado que orientei na Universidade de Coimbra (1).

A notoriedade de Amato Lusitano (ou João Rodrigues de Castelo Branco) não vem apenas do seu comentário a Dioscórides (cf. nota 290, p. 208). Acaba de ser publicado pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra um livro interessantíssimo do Prof. Mario Santoro, *Amato Lusitano ed Ancona*, que naturalmente S. Deswarte não podia ter conhecido, no qual é dada a medida científica e humana do nosso compatriota.

Nestas observações críticas, incluem-se numerosas, e hoje quase inevitáveis, «gralhas» no latim e a repetição duma linha (p. 218, 1.1). Mas estes pequenos senões em nada deslustram este livro notável de Sylvie Deswarte, um dos investigadores estrangeiros que mais altos serviços vem prestando ao estudo da Cultura Portuguesa do século XVI.

A. COSTA RAMALHO

ANDRÉ DE RESENDE, *On Court Life*. Edited and translated by John R. C. MARTYN. Bern, Peter Lang, 1990, 228 p. + 1 gravura.

O Professor John Martyn, da Universidade de Melbourn, na Austrália, em sucessivas visitas a Portugal tem procurado manuscritos e descoberto poemas de André de Resende. Alguns não são tão ignorados como ele pensa, mas é inegável que a sua actividade veio dar novo impulso aos estudos resendianos. E o que é mais: escrevendo os seus trabalhos em inglês, tem possibilitado a André de Resende uma projecção internacional que o humanista não conseguiria, se estudado apenas na língua dos seus compatriotas.

(1) Cf. Aires Pereira do Couto, *SOUTELO. Subsídios para a sua história*. Câmara Municipal de Viseu, 1990. Da tese original, apenas se encontra neste livro a «adaptação de dois capítulos», segundo se lê no «Preâmbulo».

A tradução, desacompanhada do latim, vem nas pp. 43-50.